

**VIDA E MORTE NOS MUNDOS CONTEMPORÂNEOS
UMA CONVERSA SOBRE EMERGÊNCIAS, CUIDADOS E DESCUIDOS**

**VIDA Y MUERTE EN LOS MUNDOS CONTEMPORÂNEOS
UNA CONVERSACIÓN SOBRE EMERGENCIAS, CUIDADOS Y DESCUIDOS**

Lucrecia Raquel Greco¹
Jasmin Margarita Immonen²
Verónica Moreno Uribe³
Ana Gretel Echazú Böschemeier⁴

RESUMO

Compartilhamos uma discussão que teve lugar no evento da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), 2021, a partir da mesa “Vida e morte em mundos contemporâneos: Diálogos emergentes e heranças de cuidado entre o Norte e o Sul Global”. Propusemos discutir formas pelas quais diferentes perspectivas da Antropologia ligada à Saúde Coletiva, ao Corpo e aos Direitos Humanos podem ampliar nossa compreensão e prática de cuidar do que consideramos ‘patrimônios culturais’ de cuidado em relação à vida e à morte.

Palavras-chave: Cuidados. Patrimônio Cultural. Interculturalidade. Sul Global. Norte Global.

RESUMEN

Compartimos la discusión dada en el evento de International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), 2021, a partir de la mesa “Vida y muerte en mundos contemporâneos: Diálogos emergentes y patrimonios del cuidado entre el Norte y el Sur Globales”. Propusimos discutir formas en las que diferentes perspectivas de la Antropología ligada a la Salud Colectiva, al Cuerpo y los Derechos Humanos pueden ampliar nuestra comprensión y práctica de lo que consideramos ‘patrimonios culturales’ de cuidado en relación a la vida y la muerte.

Palabras clave: Cuidado. Interculturalidad. Patrimonio Cultural. Sur Global. Norte Global.

“Comecei a ouvir os rios falando, às vezes com raiva, às vezes ofendido. Acabamos nos constituindo como um terminal nervoso do que eles chamam de natureza”
Ailton Krenak

¹ Doutora em Antropologia. Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Bahia. E-mail: lucregre@yahoo.com.ar

² Doutora em Antropologia Social pela University Partnership for international development, University of Eastern Finland. E-mail: jasmin.immonen@gmail.com

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Autónoma de Puebla. professora pesquisadora da Faculdade de Antropologia e de Mestrado em Educação para a Interculturalidade e Sustentabilidade, Universidad Veracruzana, México. E-mail: veronic7@hotmail.com

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Antropologia/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva e Comité Central de Ética em Pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gretigre@gmail.com

“O trabalho feminista sobre o cuidado nos convida a nos engajar substancialmente com ele como um terreno vivo que parece necessitar ser constantemente recuperado de seus significados idealizados, de evidências construídas”

Maria Puig de la Bellacasa, (tradução nossa).

NARRATIVAS DE CUIDADO: do global ao situacional

Compartilhamos aqui a discussão dada na mesa redonda número dois do evento da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), sediado em Yucatán, México, que aconteceu virtualmente de 9 a 13 de novembro de 2021. Intitulada “Vida e morte em mundos contemporâneos: Diálogos emergentes e heranças de cuidado entre o Norte e o Sul Global” [*Life and Death in Contemporary Worlds: Emerging Dialogues and Caring Heritages Between Global South and Global North*], a mesa redonda contou com a participação de Verónica Moreno Uribe, Delmy Tania Cruz Hernández, Jasmin Immonen como participantes, e de Lucrecia Raquel Greco e Ana Gretel Echazú Böschemeier como participantes organizadoras.

A partir do lema do congresso, “Os patrimônios: interconexões globais em um mundo possível”, propusemos discutir formas pelas quais diferentes perspectivas da Antropologia ligada à Saúde Coletiva, ao Corpo e aos Direitos Humanos podem ampliar nossa compreensão e prática de cuidar do que consideramos 'patrimônios culturais' de cuidado em relação à vida e à morte. Ao reunir *insights* etnográficos contemporâneos sobre como a vida e a morte são gerenciadas em geografias transculturais, propomos discutir o surgimento de novas formas de conexão com a vida em processos de saúde-doença, problemas socioambientais, intervenções sociais e processos pedagógicos.

Nosso ponto de vista considera as práticas de estado necropolítico suicida (SAFATLE, 2020) em contextos de fascismos e as resistências coletivas contra ele, trazendo perspectivas críticas sobre Mundos Não Humanos, Mundos Humanos e nossas vidas no meio (KRENAK, 2020). Ao conectar a pluralidade dos conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e aqueles provenientes das diversas experiências encarnadas como três pontos de referência vitais e interpenetráveis, pretendemos fortalecer a discussão sobre as "melhores práticas" acadêmicas e políticas para associar professores, cientistas e ativistas ligados às comunidades locais em redes transnacionais e transhumanas de conhecimento e solidariedade. Propomo-nos a reconhecer a disruptividade do cuidado em contextos de descuido (PUIG DE LA BELLACASA, 2017) e o significado da busca de entendimentos locais do cuidado comunitário como formas de explorar a "boa vida" (ACOSTA, 2013) nas culturas vernáculas.

Questionando desde uma ética não-antropocêntrica os processos extrativistas, biopolíticos, necropolíticos e burocracias estatais, problematizamos a complexa teia de cuidados e negligências humanas e não humanas entrelaçadas nas geografias plurais do México, da Finlândia, da Argentina, do Chile e do Brasil. As disposições entrelaçadas de sentir-pensar desdobradas nessa mesa redonda procuram apontar coletivamente: a) o conhecimento corporificado das comunidades tradicionais da América Latina que lidam com as políticas de Estado nos contextos do neo extrativismo e da COVID-19 (URIBE; HERNÁNDEZ; GRECO) e; b) a problematização dos cuidados em um Norte Global dominado por existências individualistas (IMMONEN). Como ferramentas para reforçar uma abordagem engajada de intervenções médicas, políticas sociais e iniciativas acadêmicas em direção a um trabalho de compartilhamento de vulnerabilidades com sujeitos que vivem "vidas precárias" (BUTLER, 2016), discutimos a gama de perspectivas que vão desde temas sustentados sobre Saúde, Corpo e Direitos Humanos até a coprodução de Heranças de Cuidados emergentes em um mundo em rápida mudança.

No cuidado das sementes, das línguas, dos rios, do conhecimento, das dificuldades de outras/os humanas/os, dos territórios, transcendemos a relação cuidado-trabalho da economia ocidental-branca. Assim, nos perguntamos: como as agências de cuidado se entrelaçam para fortalecer as densas tecelagens de laços humanos e não humanos diante da negligência oficial e da responsabilidade individual durante a pandemia global? Que cuidados são formas de resistência em contextos de precariedade e violência em Abya Yala? Como se articulam os direitos dos órgãos coletivos, dos órgãos animistas, dos órgãos territoriais, com a boa vida? Quais as alternativas de reconstrução das existências que cuidam no norte global?

Nas nossas reflexões, questionamos a noção de patrimônio fruto de modos de existência/epistemes estatais-capitalistas-modernas, baseadas na noção de propriedade e autoria; separação sujeito/objeto; conhecimento/detentor de conhecimento assim como as dicotomias tradição fixa/dinâmicas criativas (CUNHA, 2014; SOUZA 2018). Nas falas elaboradas a partir de experiências vindas da América Latina, entendemos como os universos indígenas questionam as noções de propriedade e autoria individual focando nas pluralidades autorais vindas de existências não antropocêntricas.

O que é patrimônio cultural não pode ser separado de formas de existência, e a proteção do patrimônio, desde essa visão crítica, não pode ser separada do cuidado da manutenção das vidas. Por isso, problematizamos aqui as práticas de cuidados como parte do patrimônio cultural.

COMUNIDADES DE CUIDADO NO MEIO A PROCESSOS DE PRECARIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

O trabalho apresentado por Verónica Moreno Uribe compartilha os resultados preliminares do projeto de pesquisa “Comunidades y prácticas de cuidados entre jóvenes nahuas de la sierra de Zongolica, Veracruz”, e relata resistências e re-existências como formas de reprodução da vida na Sierra de Zongolica, Veracruz, México. Desde uma exploração da articulação da violência, precarização e masculinidades racializadas e uma aproximação entre a interculturalidade crítica e a interseccionalidade, o trabalho foi desenvolvido desde 2020, tendo planejado a finalização da sua primeira fase em 2022.

No contexto do trabalho, encontramos que grupos de mulheres do povo originário Nahua, assim como mulheres que se reconhecem como mestiças, que habitam a região das serras de Zongolica, no Estado de Veracruz, desenvolvem cotidianamente um crescente esforço por organizar comunidades de cuidados, que visam resistir e desafiar as múltiplas agressões sobre seus corpos e territórios, assim como possibilitar re-existências fundadas em noções próprias dos bons viveres (GIRALDO, 2020). Elas falam de *yekyetolistli*, um estado do ser ao que, vagamente, poderíamos traduzir como bem-estar, e que envolve a interdependência com outras formas de vida não humanas, sob a compreensão de que o plenamente existente se conecta de múltiplas formas para reproduzir a vida. *Yekyetolistli* gera *pakilistli* (felicidade), como possibilidade de reparação e re-existência num contexto amargamente agressor das formas de vida. Nesse sentido, se constituem em práticas de resistência e dissidência perante a *re-patriarcalização do território*, entendida como o "entrelaçamento das violências relacionadas com o atual ciclo de expansão do capital no continente, e a resposta que as mulheres estão dando conjuntamente contra a territorialização dos megaprojetos, as formas neocoloniais do despojo dos espaços de vida e a reconfiguração do patriarcado que requer o modelo extrativista” (GARCÍA-TORRES; VÁZQUEZ; CRUZ; BAYÓN, 2020, p. 32).

Estas comunidades de cuidados se expressam em práticas que se desenvolvem e tecem redes de apoio, solidariedade, sustento preponderante com e para outras mulheres, mas não só, e procuram preservar saberes antigos para a cura e gerar outros para a reprodução da vida (MORENO, 2016), no meio da crescente exacerbação das violências. Como práticas culturais, estão dotadas de significados atribuídos localmente e estruturadas sobre modos de organização social concretos nos territórios para garantir sua reprodução material. Estão tecidas também a partir de laços afetivos e articulações com o território, considerando suas próprias existências como uma extensão deste.

A partir de um exercício coletivo que denominamos “Cuidadoras de las Altas Montañas”, realizado em duas ocasiões entre 2021 e 2022, em colaboração com a Associação Civil Kalli Luz Marina, a Universidade Veracruzana Intercultural e a Faculdade de Antropologia, conseguimos constatar a conformação de comunidades de cuidado a partir de diversos eixos:

- a) Cuidado do território: cuidado do sistema milpa, sementes, rio, fauna, hortos domésticos;
- b) Cuidado dos saberes vinculados às práticas artesanais como o tear de cintura;
- c) Cuidado do corpo a partir da preservação de práticas terapêuticas, como a prática de parteira tradicional, o uso de plantas medicinais, temascal e a cura espiritual;
- d) Acompanhamento a mulheres em situação de violência;
- e) Acompanhamento a parentes de pessoas desaparecidas;
- f) Cuidado da língua e cultura mahahual através das escolas comunitárias;
- g) Impulso ao projeto de economia solidária, e redes de mercado justo;
- h) Soberania alimentar.

Todas essas experiências resultam de um esforço mantido por concretizar um horizonte de desejo que coloca no centro não só a vida, mas também quem a cuida. As perguntas derivadas do exercício foram: o que significa cuidar a vida em meio de um sistema que a ataca? Quem cuida das cuidadoras? Procurar que cuidar da vida não envolva uma carga de trabalho nem um risco permanente, é responsabilidade de toda a comunidade.

CUIDADOS, CONHECIMENTOS E CORPOS DESDE ABYA YALA

Lucrecia Greco expõe parte do processo de um curso/laboratório baseado em entrevistas com referentes indígenas e aliadas/os para acompanhar experiências e estratégias para existir na pandemia realizada em 2020 junto com colegas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Ela trouxe a sistematização de algumas das escutas, focando, particularmente, no papel dos conhecimentos tradicionais corporeizados/territoriais como ferramentas para lidar com a pandemia. A exposição focou nas entrevistas com as/os referentes indígenas Jozileia Kaigang (Kaigang, representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), Jose Kidel (mapuche situado no Chile) e as pesquisadoras Eugenia Flores e Macarena Ossola (que trabalham com povo guarani e wichi no noroeste argentino).

Entendendo a pandemia da COVID-19 como um produto do colonialoceno (GRECO; SANOUVI, 2020; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER; QUISPE; GRECO, 2021), as comunidades são cientes de que a COVID-19 se vincula às múltiplas expressões concretas do modo de existência estatal capitalista colonial. Jozielia Kaigang pontua que o capital “causa uma aniquilação dos corpos, dos sujeitos, dos pensamentos... ele é o causador de uma fissura tão grande na mãe Terra, que é necessário que a mãe Terra dê uma resposta, e a resposta veio através da pandemia”. José Kidel comenta que a interpretação mais divulgada é que se trata de uma doença trazida pelos brancos, uma resposta a todo o processo de transgressão sistemática que as pessoas em todo o mundo fazem contra as diferentes vidas que existem: “as vidas líquidas, as vidas vegetais, a vida mineral... seria uma resposta das outras vidas para poder equilibrar e uma forma de sarar os humanos dos nossos comportamentos muito cruéis para com as outras vidas...”

Nesse sentido, a pandemia não aparece como uma surpresa, nem uma catástrofe ou crise única, mas se inscreve entre muitas vividas pelos povos no quadro da tragédia colonial. Se, para os povos indígenas, os estados e suas lógicas capitalistas são um “estado”, uma conjuntura, as maneiras de lidar e estar nelas são assuntos de vida e morte. Na pandemia, as comunidades foram afetadas especialmente nos contatos com outras/os humanas/os depredadores (terratenedores, garimpeiros, madeireiros) e mais simbióticos como agentes de saúde. Nas dinâmicas de confinamento/abertura, houve ameaças intensamente genocidas às existências, mas também processos de fortalecimento.

O lugar dos saberes tradicionais é central para a manutenção da vida. Esses saberes, como os científicos e quaisquer outros, são situados, locais, dinâmicos e limitados (SANTOS, 2018), interagem e se fazem e refazem em diálogos e embates uns com outros. Eles envolvem pluralidades autorais que vão desde relações não humanas até segredos xamanicos (SOUZA, 2018), eles crescem desde a negação da propriedade e do indivíduo, constituem relações antagônicas ao capital, exibindo a instabilidade e a fragilidade deste na sua ambição totalizadora. Os saberes tradicionais não existem separados das/os detentoras/es (sejam humanas/os ou não humanas/os). Nossxs interlocutorxs denunciam, neste sentido, o epistemicídio: a morte de anciãos por COVID-19 contribui para a perda de conhecimentos ancestrais para o porvir. Também destacam, de maneira unânime, o papel das mulheres envolvidas nos saberes relativos às dinâmicas de cuidado.

Jozielia Kaigang explica que, desde a APIB, foi desenhado o plano de Emergência Indígena, pensado estratégias territoriais, de acordo com recomendações da Organização Mundial da Saúde. Jozielia destaca que

No lançamento do plano [...] discutimos muito sobre o quanto a gente precisava fazer o uso dos nossos saberes tradicionais, ancestrais, se fortalecer, tanto nosso corpo, quanto nosso espírito. A cura é feita pela medicina tradicional, mas também através do alimento que a gente consome, ela se fez muito necessária nesse momento [...] usar esse tempo em que nós precisávamos estar em isolamento social para se reconectar com o território e aí fazer o plantio nos seus territórios de alimentos também, principalmente de hortaliças, e fazer o uso da medicina tradicional para poder fazer esse fortalecimento espiritual para além do fortalecimento da imunidade.

Jozileia comenta que são as mulheres, junto com os anciãos, protagonistas desses cuidados:

Nós podemos dizer que sim, a nossa medicina tradicional foi ela quem ajudou para que a gente não tivesse mais perdas ainda e foi através dela também que as nossas mais velhas...se sentiram mais fortalecidas para poder trazer para gente, para essas mulheres mais jovens, como fazer o uso correto e adequado das nossas ervas, das comidas tradicionais para que a gente pudesse estar fortalecida.

Para o caso das comunidades Wichi e Guarani Tapiete do noroeste argentino, as pesquisadoras destacam que tem muitas situações urbanas nas quais a problemática se torna mais complexa:

São poucas as comunidades wichi com território rural com total acesso ao monte, as comunidades têm sido despojadas dos territórios a partir das dinâmicas do capitalismo local. Destacam que a situação territorial é grave [...] afeta esse ideal que nós acreditamos que a pandemia pode ter favorecido, uma volta às práticas tradicionais, mas acho que isto não é tão assim, porque muitas comunidades estão amontoadas, ao redor das cidades, não têm acesso ao território [...] abuso policial, tem sido muito forte e terrível nestes povos, nas comunidades sem acesso ao monte, morando 10 ou 20 famílias numa vivenda... Por outro lado, temos situações em que comunidade em regiões rurais que talvez tenha conseguido fazer esta volta, às práticas comunitárias, onde não ingressou na polícia, onde nem usaram máscara.

As pesquisadoras comentam que **as/os** Wichi se protegem deixando de assistir as escolas e hospitais do estado, porém isso não significa que tenham tido condições estruturais de maior cuidado nem acesso a medicinas tradicionais por causa da degradação ambiental e do escasso acesso ao território. Entre os guarani tapiete, as comunidades contam com médicos tradicionais e são as mulheres também as que articulam os cuidados. As comunidades guarani promovem a busca de plantas medicinais, compartilhando com as comunidades which através de redes.

Para o caso do Chile, Jose Kidel explica que o seu Povo Mapuche,

é hoje um povo bastante fragmentado pela política, as religiões cristãs católica e pentecostais têm atacado pontos neurais do pensamento indígena: negação de vestimenta, perseguição da fala indígena, negação da espiritualidade, da ritualidade,

sobre a saúde e demonizando tudo, então existem muitas frentes dessa necropolítica, de fricção, de genocídio espiritual e de genocídio permanente e o Estado não faz nada.

José considera necessário

denunciar ao mundo as políticas dos Estados latino-americanos e monoculturais, hegemônicos e tem uma missão muito, muito individualista... Essa forma confronta abertamente o pensamento indígena, que busca enfrentar a pandemia de maneira coletiva, de uma maneira em conjunto com as famílias, com as comunidades, com os grupos que fazem sua espiritualidade.

Nesse sentido, as estratégias que o estado impõe embatem com as práticas tradicionais de cuidado: “Se impede, por exemplo, de fazer reuniões coletivas nas que a gente fale e explique os mecanismos [da pandemia] nos próprios termos dos indígenas, se impede de poder falar em comunidade, de poder fazer rituais para poder entender esta situação, de poder também intentar parar a situação.”

José também destaca que

o tema da morte é um tema muito doloroso: quando a gente morre a nossa comunidade está acostumada a fazer todo um ritual funerário que é bastante grande, mas toda essa prática hoje, quando uma pessoa morre de Covid, está totalmente proibido. Hoje a gente morre e é imediatamente enterrado e para nosso povo todas essas práticas são muito violentas, estão gerando um problema muito grande na compreensão da morte e da vida... Quando não se faz para a pessoa um ritual ... há complicações para que o espírito possa descansar definitivamente... essa uma situação na qual a morte não termina nunca, porque você não encontra o cadáver, e não pode pôr sua sepultura final, não pode fazer uma despedida, não pode fazer um ritual, e esta situação é muito similar agora.

José Kidel reafirma

Nosso povo tem muitos anos de antiguidade, é uma data doce mil anos de Antiguidade, é um povo que já teve muitas pandemias, muitos intentos de eliminação política, militar, cultural, social e espiritualmente também, temos uma larga luta para sobreviver e temos muitas formas, e conhecemos muitas formas, de poder sobreviver e enfrentar este tipo de formas de morrer.

As situações são diversas e variáveis, mas em todas se vê a tensão entre políticas de estado e saberes comunitários, a busca de estratégias coletivas. O território, os saberes mobilizados e sua gestão coletiva aparecem como central para a continuidade da vida...

CUIDADO E DESCUIDO NA FINLÂNDIA

A liberalização da economia e o aumento das disparidades de riqueza na Finlândia têm diminuído o valor das profissões voltadas à dedicação a outras pessoas. A profissão do cuidado

e inclusive o ensino têm sofrido "inflação", vindo diminuído seu valor social e atualmente não há suficientes profissionais para preencher o vácuo laboral (TAMMINEN, 2022). A crise de COVID finalmente pôs a descoberto a difícil situação dos trabalhadores de cuidados que já se avizinhavam antes da pandemia e sobrecarrega os trabalhadores do setor de cuidados. Mesmo com o aumento exacerbado entre os jovens do desemprego na Europa, parece como se ninguém estivesse disposto a realizar trabalhos de cuidados. Como escreve o *Care Collective* do Reino Unido, o racismo se combina com o gênero e a desigualdade global para desvalorizar o trabalho de cuidado, atribuindo-o aos migrantes e assegurando a exploração frequente de tantos trabalhadores do cuidado (CHATZIDAKIS *et al.*, 2020).

Na sua apresentação, Jasmin Immonen utilizou a autoetnografia para refletir sobre as tensões e atitudes que surgiram das expectativas de "um bom trabalho", especialmente para uma pessoa com alto nível educativo, enquanto cuidava de sua irmã deficiente. Segundo ela, existe um paradoxo nas expectativas da sociedade finlandesa, que destaca o bem-estar, por um lado, e tira o valor o trabalho de cuidados, por outro. Isto requer repensar o significado de bem-estar baseado na mera distribuição econômica. Ao explorar estigmas relacionados ao trabalho de cuidados, Immonen argumenta que, dado que este trabalho se constitui socialmente em continuidade com as normas heteronormativas tradicionais do patriarcado, é pouco provável que somente o aumento salarial possa enfrentar a crise dos cuidados, que acelera na medida em que a população europeia envelhece. O baixo prestígio social do trabalho de cuidado está relacionado a sua carência de valores relacionados com as "dignidades" masculinas, como a mobilidade e a ascensão social (WIDDING ISAKSEN, 2002). Influenciam também os aspectos mais estigmatizados socialmente relacionados com ele, como ter que estar em estreito contato físico com outra pessoa adulta, entre outras coisas, tarefas tradicionalmente associadas ao "toque feminino".

Por causa da facilidade com que se reproduzem as normas desiguais do patriarcado nas sociedades de bem-estar de orientação individualista, como é a sociedade finlandesa, Immonen propõe que é preciso construir o valor do cuidado de maneira diferente. Desde sua participação no ativismo climático e baseada na sua experiência como cuidadora, Immonen argumenta que a onda recente de literatura emocionante sobre a ética do cuidado pode ter o potencial de dar um valor renovado aos trabalhos de cuidado.

Para enfrentar a crise de cuidado e procurando alternativas, os discursos sobre ativismo climático que provêm do Sul Global, particularmente da América Latina, podem ajudar a construir novas narrativas e práticas em relação ao cuidado. Na batalha contra o extrativismo, estes têm colocado o "cuidado da vida" no centro do que as sociedades deveriam aspirar

(ESCOBAR, 2020). Desfazer-se de combustíveis fósseis e liberar espaços para construir redes significativas e solidárias são algumas das demandas dos pesquisadores e ativistas do mundo para enfrentar a crise climática. O instituto BIOS, formado por economistas e ecologistas, argumenta que devem ser realizadas mudanças estruturais significativas reorientadas ao cuidado para a sustentabilidade ecológica na Finlândia. Movimentos como Extinction Rebellion exigem marcos éticos alternativos que possam incorporar nosso dever com as espécies mais que humanas e a justiça social global.

No “Manifesto do Cuidado”, o Coletivo Cuidado exige que o pertencimento, a cidadania e os direitos se organizem em torno do princípio de cuidado e não em função do lugar de nascimento, identidade ou reivindicações territoriais nacionais (CHATZIDAKIS, *et al.*, 2020). Fundamental para a reorganização do cuidado é repensar o estado de bem-estar em um estado de cuidado. Isto requer criar espaços em que o cuidado possa ser praticado e as redes de cuidado fortalecidas. As sinergias entre *Care Collective* e o trabalho da unidade BIOS podem se encontrar mais amplamente no movimento de decrescimento. Na América Latina, o Pacto Eossocial do Sul, formado por movimentos sociais de base, chama a desracializar, despatriarcalizar e recomunalizar a vida e exige rendas básicas para cobrir o trabalho de cuidado, entre outras coisas.

As demandas que colocam o cuidado da vida no centro podem inspirar as pessoas a se cuidar mais e encontrar sentido em cuidar dos outros e da terra. Quando o cuidado é politizado para além do valor monetário, pode configurar novas formas de sociabilidade menos danosas à terra e mais cuidadosas com todos. Portanto, é crucial para a elaboração de políticas futuras em países do bem-estar como Finlândia, que ainda não se desfizeram do legado de suas políticas de liderança econômica que destroem a Terra.

CONCLUSÕES

Nos coletivos da América Latina com os que dialogamos e trabalhamos, os conhecimentos focados nos cuidados coletivos e na vida e bom viveres constituem formas de resistências aos estados necropolíticos e à hegemonia de economias extrativistas e de ontologias antropocêntricas e individualistas. No caso da Finlândia, entendemos como o colonialismo epistêmico hierarquiza saberes não corporais, não vinculares e projetos individuais na construção das existências e na produção de segregações sociais. O relato de Immonen no espelho das reivindicações das comunidades nos chama a valorizar as discussões globais em contexto, sinalizando a forma como os patrimônios culturais vinculados ao cuidado

em comunidades subalternizadas muito têm a dizer e a fazer em qualquer política ambiental, social e cultural que possa ser elaborada a nível planetário.

Entendemos que poder discutir, de forma cosmopolítica, numa escuta simétrica, cuidadosa e curiosa, é uma das estratégias constitutivas das possibilidades de continuar respirando e gerando refúgios neste mundo necropolítico. Por isso, defendemos que as técnicas de cuidados coletivos e as existências coletivas cuidadosas são patrimônio cultural que nos encaminha à produção de éticas mais vitais.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **El buen vivir**. Suma Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos. Barcelona: Icaria, 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Políticas culturais e povos indígenas. Uma introdução. *In*: CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niermeyer (org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2014. p. 9-21.

CHATZIDAKIS, Andreas; HAKIM, Jamie; LITTLER, Jo; ROTTENBERG, Catherine; SEGAL, Lynne. (The Care Collective). **The Care Manifesto: the politics of interdependence**, London, New York: Verso. 2020.

ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel; QUISPE-AGNOLI, Rocío; GRECO, Lucrecia. Waman Poma de Ayala, um autor indígena do século XVII: Questionando antropocentrismos no colonialoceno TECCOGS. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, 2021, p. 157-182, dx.doi.org/ 10.23925/1984-3585.2021i24p157-182.

ESCOBAR, Arturo. **Pluriversal Politics: the real and the possible**, Durham, London: Duke University Press, 2020.

GARCÍA TORRES, Miriam; VÁZQUEZ, Eva; CRUZ, Delmy Tania; BAYÓN JIMÉNEZ, Manuel. Extractivismo y (re) patriarcalización de los territorios. *In*: GARCÍA TORRES, Miriam; CRUZ, Delmy Tania; BAYÓN JIMÉNEZ, Manuel (coord.). **Manual del Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo**. Cuerpos, Territorios y Feminismos: Compilación latinoamericana de teorías, metodologías y prácticas políticas. Ecuador: Abya Yala, IEETM y Bajo Tierra Ediciones, 2020, p. 23-44.

GIRALDO, O. El desmoronamiento de la creencia en el Estado: buen vivir y autonomía de los pueblos. *In*: A.I. Mora; A. Oviedo; A. Avella; E. Vega; C. Campuzano F.; Simbaña, Rodríguez. **Buenos vivires y transiciones. La vida dulce, la vida bella, la vida en plenitud: convivir en armonía**. Corporación Universitaria Minuto de Dios, Bogotá, Colombia, 2020.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo. Companhia das Letras, 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/ailton-krenak-o-amanha-nao-esta-a-venda/>

MORENO, Verónica. **Mujeres ahorradoras del centro de Veracruz, y sus estrategias por la reproducción del vivir y para la disposición de sí, en medio de procesos de empobrecimiento, explotación y opresión.** Xalapa, tesis de doctorado en sociología, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2016.

PUIG DE LA BELLACASA, María. **Matters of care: speculative ethics in more than human worlds.** Minnesota: University of Minnesota Press, 2017.

SAFATLE, V. **Bienvenido-al-estado-suicida.** Hemipress, 2020. Disponível em: <https://contactos.tome.press/bienvenido-al-estado-suicida/?lang=es>

SANTOS, Boaventura Sousa. **En el taller del sociólogo artesano.** Lecciones (2011-2016). Madrid. Morata, 2018.

SOUZA, Marcela Stockler Coelho de. A cultura invisível: Conhecimento indígena e patrimônio imaterial. **Anuário Antropológico**, v. 35, n. 1, p. 149-174, 2018.

TAMMINEN, Jari. **Näkymätön työ ja näkymätön käsi.** Voima 4/2022, p. 12. 2022.

WIDDING ISAKSEN, Lise. Masculine dignity and the dirty body. **Nordic journal of feminist and gender research.** v. 10, n. 3, p. 137-146, 2002.